



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES – CH  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG  
CURSO DE GEOGRAFIA

**A INDÚSTRIA METALÚRGICA SILVANA S.A. E A SUA DINÂMICA ESPACIAL  
NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB**

**JANAILSON ALVES DO NASCIMENTO**

CAMPINA GRANDE- PB  
2017

JANAILSON ALVES DO NASCIMENTO

**A INDÚSTRIA METALÚRGICA SILVANA S.A. E A SUA DINÂMICA ESPACIAL  
NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB**

Artigo apresentado ao Curso de Geografia da  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG),  
em cumprimento as exigências para obtenção do  
título de Licenciado em Geografia.

**ORIENTADOR: Prof. Dr. LINCOLN DA SILVA DINIZ**

CAMPINA GRANDE- PB

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

N244i Nascimento, Janailson Alves do.  
A indústria metalúrgica Silvana S. A. e a sua dinâmica espacial na cidade de Campina Grande-PB / Janailson Alves do Nascimento. – Campina Grande, 2017.  
29 f. il.; color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.  
"Orientação: Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz".  
Referências.

1. Transformações Espaciais. 2. Indústria Metalúrgica Silvana S. A. 3. Produção Técnica e Tecnológica. I. Diniz, Lincoln da Silva. II. Título.

CDU 911.6:338.45(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA  
CURSO DE GEOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA DE: JÂNAILSON ALVES DO NASCIMENTO

TÍTULO: PRODUÇÃO TÉCNICA E TECNOLÓGICA EM CAMPINA GRANDE-PB: a  
Indústria Metalúrgica Silvana S.A. e a sua dinâmica espacial

Campina Grande (PB), 18 de agosto de 2017.

Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz (UFCG - Orientador)

Prof. Ms. Noaldo José Aires Tavares (Examinador Externo)

Prof. Ms. Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida (Examinadora Externa)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tantas bênçãos na minha vida, sobre tudo por ter me capacitado em todos os momentos de minha vida acadêmica.

Á meus pais e irmãos pelo apoio de sempre. Deles vem a minha base, e a eles sempre quis orgulhar.

Ao professor Lincoln Diniz, pelos ensinamentos, orientações e amizade, coisas que nem mesmo o tempo conseguirá apagar.

A minha noiva por todo o incentivo, paciência e companheirismo. Sua presença em minha vida tem feito todo o esforço valer a pena.

Aos amigos que a Geografia me proporcionou: Janduy, Álvaro, Felipe, Bruno, Michel e os demais colegas de turma pelo aprendizado juntos.

Aos professores que tive oportunidade de conhecer e adquirir conhecimentos durante minha passagem na academia: Janaína, Angélica, Zenon, Ewerton, Thiago, Martha Priscila, Xisto, Kátia, Caline, Maurício, Maria das Graças, Sérgio Malta, Sérgio Murilo, Luiz Eugênio, Murilo Rossi, e de forma bem especial a Nicolly Almeida, Manasses Xavier, Débora Moura, Sônia Lira e Lincoln Diniz. Grato a todos por todo aprendizado.

A meus professores de estágio Adriana Bezerra e João Paulo Vidal, pela recepção, incentivo e aprendizagem do que é na prática à docência.

Enfim, peço desculpas por ter esquecido alguém, e certamente esqueci, já que felizmente tantas são as pessoas que fazem parte de minha vida e me desejam o melhor.

“A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo”. (Albert Einstein)

NASCIMENTO, Janailson Alves do. **A INDÚSTRIA METALÚRGICA SILVANA S.A. E A SUA DINÂMICA ESPACIAL NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB.** 25 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2017.

## RESUMO

O setor industrial, alicerçado pelo desenvolvimento tecnológico, em dias de velocidade e formas de propagação de informações gigantescas, é responsável direto por grande parte das transformações espaciais. A sua dinâmica tem transformado economias, atendido interesses, destruído fronteiras e assim evidenciado um novo meio geográfico. Logo, esta pesquisa teve como objetivo principal analisar a produção técnica e tecnológica, a partir do setor industrial, tomando como recorte o município de Campina Grande, e mais especificamente a Indústria Metalúrgica Silvana S.A., hoje ASSA ABLOY Nordeste Sistemas de Segurança Ltda., através de sua dinâmica espacial e seu crescente desenraizamento, externado quando de sua aquisição por parte do grupo multinacional ASSA ABLOY. Para atingir os objetivos traçados, buscaram-se informações na empresa, aplicaram-se questionários quali-quantitativos e entrevistas com funcionários, buscando conhecer as peculiaridades vivenciadas no antes e pós-venda da empresa. Realizou-se levantamento bibliográfico e interpretação dos dados. As transformações espaciais ocorridas no município de Campina Grande ocorreram em muito devido a seu pioneirismo regional e seu perfil desenvolvimentista. Nota-se que a produção técnica e tecnológica, constatada na Indústria Metalúrgica Silvana S.A, ao longo de sua trajetória, tem reflexos das características peculiares de cada meio geográfico vivenciado. Compreende-se que em sua contemporaneidade ela tem expandido seu alcance comercial, elevado seu lucro e dificultado o acesso *in loco* a suas informações, sendo produto e produtora do meio técnico-científico-informacional.

Palavras-chave: Transformações Espaciais. Indústria Metalúrgica Silvana S.A.. Produção técnica e tecnológica.

## ABSTRACT

The industrial sector, based on technological development, on days of speed and forms of dissemination of gigantic information, is directly responsible for much of the spatial transformation. Its dynamics have transformed economies, served interests, destroyed boundaries and thus evidenced a new geographical environment. Therefore, the main objective of this research was to analyze the technical and technological production, from the industrial sector, taking as a cut the municipality of Campina Grande, and more specifically the Metal Industry Silvana SA, now ASSA ABLOY Nordeste Sistemas de Segurança Ltda., Through Of its spatial dynamics and its increasing uprooting, expressed when its acquisition by the multinational group ASSA ABLOY. In order to reach the objectives outlined, information was sought in the company, qualitative and quantitative questionnaires were applied and interviews with employees, seeking to know the peculiarities experienced in the before and after sale of the company. A bibliographic survey and interpretation of the data were performed. The spatial transformations that occurred in the city of Campina Grande occurred largely because of its regional pioneerism and its developmental profile. It should be noted that the technical and technological production observed in the Silvana S.A Metallurgical Industry, along its trajectory, reflects the peculiar characteristics of each geographical environment experienced. It is understood that in its contemporaneity it has expanded its commercial reach, raised its profit and made it difficult to access its information locally, being a product and producer of the technical-scientific-informational environment.

Key words: Space Transformations. Metal industry Silvana S.A.. Technical and technological production.

## 1. INTRODUÇÃO

Ao setor industrial se deve grande parte das transformações ocorridas nos mais distintos espaços. A sua dinâmica tem transformado economias, atendido interesses, destruído fronteiras, reproduzido espaços e, portanto influenciado diretamente na vida das pessoas. Mais que caracterizar-se pelo desenvolvimento da técnica e da tecnologia, a

indústria tem, em sua contemporaneidade, favorecido a inserção e a análise de um novo meio geográfico, denominado pelo geógrafo Milton Santos, como meio técnico científico-informacional. Comenta Santos (2002):

Os espaços assim requalificados atendem sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. O meio técnico-científico-informacional é a cara geográfica da globalização (Santos, 2002, p. 239).

Objetivando estudar a produção técnica e tecnológica, a partir do setor industrial, tomando como recorte o município de Campina Grande, sobretudo devido seu pioneirismo industrial regional, e mais especificamente a Indústria Metalúrgica Silvana S.A., hoje ASSA ABLOY Nordeste Sistemas de Segurança Ltda., procuramos apresentar alguns dos desdobramentos característicos do meio técnico-científico-informacional.

A presente pesquisa segue a linha da Geografia Econômica, com enfoque no setor industrial. Os procedimentos técnicos e metodológicos aplicados para sua realização foi o estudo de campo exploratório e descritivo, abarcando levantamento bibliográfico acerca do meio técnico-científico-informacional, do setor industrial, e do histórico industrial do município de Campina Grande-PB. Para, além disso, foram aplicados questionários e realizadas entrevistas com funcionários que tiveram experiências práticas com o objeto pesquisado. Infelizmente não foi possível o acesso necessário às informações por parte do corpo diretivo da empresa, de maneira que a pesquisa de gabinete, ressaltada pela ferramenta internet, se viu evidenciada.

Inicialmente procuramos mostrar um pouco da historicidade do setor industrial em um contexto geral mais amplo, bem como seu poderio de transformações espaciais (a cidade se caracteriza como lócus principal nesse processo), que se deu, sobretudo devido à evolução da técnica e da tecnologia em dias de intenso poderio e velocidade de circulação das informações. Em seguida tratamos da questão industrial de forma mais específica na cidade de Campina Grande, enfatizando aspectos como a participação do Estado (via incentivos), e o perfil desenvolvimentista de seus habitantes como fator crucial para sobreposição desse novo meio geográfico.

Na terceira e última parte, apresentamos a indústria fonte de nossa pesquisa, enfatizando seu surgimento, sua dinâmica atual e a visão de funcionários sobre o antes e o pós-venda da empresa.

Por fim apresentamos nossas considerações finais, com ênfase no desenraizamento da indústria e a dificuldade de acesso a suas informações.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

### 2.1 Indústria, produção técnica e tecnológica no período atual: um novo meio geográfico

A indústria tem se consolidado ao longo dos anos como motor chave da sociedade moderna, sendo responsável diretamente pelas transformações ocorridas nessa mesma sociedade, bem como no espaço no qual ela se insere e também modifica. Carlos (1992, p. 20), ressalta que a atividade industrial ainda que concentrada em pontos pequenos e distintos no espaço tem o poder de articular e integrar, através do mercado e da divisão espacial e internacional do trabalho, todo o universo. Nesse sentido, o setor industrial se mostra das principais atividades desenvolvimentistas e integrativas das mais diversas e variadas áreas do mundo.

Historicamente a grande indústria surge no século XVIII, na Inglaterra, caracterizada pela substituição das ferramentas pelas máquinas. Espantosamente a máquina inverte o papel do homem no processo produtivo, passando-o de agente principal a ser mecânico, perdendo, ou deixando de lado, sua criatividade, exigindo dele apenas o manuseio maquinário como condição de inserção na nova forma de produção que se passava a demandar.

Ana Fani ressalta que a grande indústria foi a responsável não apenas por uma revolução no setor produtivo, mas também na relação entre as pessoas.

A grande indústria, ao revolucionar as relações gerais de produção da sociedade, produz uma nova concepção de trabalho, de vida, de relação entre os seres humanos. Isto é provocado pela mudança das relações entre o capital e trabalho, pois a maquinaria de meio de trabalho, converte-se de imediato, em competidor do próprio operário e a habilidade desaparece (CARLOS, 1992. p.30-31).

Para George (1963, p.9), a indústria moderna nasceu da conjunção, na Europa ocidental, do racionalismo moderno, instrumento do progresso do pensamento científico e das descobertas técnicas dele resultantes, e de condições financeiras próprias à aplicação dessas descobertas à produção. Assim, mais do que a substituição da ferramenta pela máquina, o surgimento do setor industrial é também reflexo do desenvolvimento científico e técnico, que patrocinado pelo lucro da produção é capaz de subordinar não mais apenas o homem que se encontrava inserido em seu entorno, mas também de atrair grande número da sociedade, antes dita rural, para um novo modelo de sociedade, agora chamada urbano-industrial, tendo na cidade o *locus* desse novo modelo de sociedade.

Em se tratando mais especificamente do Brasil, como em grande parte dos chamados “países de terceiro mundo”, constata-se um desenvolvimento industrial tardio, datando mais fortemente da primeira metade do século XX, impulsionado, sobretudo pelo grande aumento populacional evidenciado à época, pelo progresso do setor ferroviário e a ampliação-instalação dos portos. Locatel e Azevedo (2011, p.96) observam que a introdução do período



do meio técnico no Brasil (propulsor da indústria), ocorreu de forma bastante desigual, se localizando basicamente no que Santos e Silveira, 2001, chama de região concentrada, compreendendo os estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sendo que destes o estado de São Paulo se tornara o principal parque industrial do país, atuando como polo atrativo para inúmeros migrantes, sobretudo vindos da região Nordeste do país.

Em seguida observou-se como fator marcante da expansão industrial brasileira a transferência da capital do país para Brasília e a integração das regiões Amazônica com o Centro-Oeste, junto com a região Nordeste, a então fortificada região concentrada, fazendo alavancar e “descentralizar”, embora de forma parcial, o setor industrial, sobretudo, reforçado pelo incentivo ao consumo. Para os mesmos autores acima citados, a evolução do período técnico-científico para o técnico-científico-informacional, tanto no Brasil como em outros países, de forma mais geral, deu-se a partir da ideologia do desenvolvimento, implantado no pensamento dos indivíduos, pela necessidade do consumo.

Para Carlos, mais do que crescimento próprio à indústria propiciou mudanças intensas e estruturais, sobretudo na cidade, seja no hábito da vida da população, seja no processo da reprodução espacial. Lembra-nos ela que:

A atividade industrial assume o papel de comando na reprodução espacial. Ela articula e subordina outras parcelas do espaço, pois o mercado de matérias-primas e auxiliares, e o mercado de destino dos produtos, necessariamente ultrapassam o nível espacial do lugar. (CARLOS, 1992, p. 38-39).

O processo da industrialização passa então a se tornar indissociável da urbanização, exigindo novas configurações espaciais e paisagísticas. Frente ao exposto, a mesma autora enfatiza que:

A indústria, por sua vez, para se desenvolver pressupõe a concentração espacial beneficiando-se daquilo que os economistas chamam de “economias de aglomeração”: infraestrutura, mão-de-obra, proximidade de outras indústrias complementares, mercado diversificado e economia dos gastos de produção (CARLOS, 1992, p.36).

Assim a evolução da indústria, diretamente ligada à evolução científico-tecnológica (características do desenvolvimento racional e do surgimento de novas técnicas), exigiu o desenvolvimento de setores, como: transporte, saneamento básico, energia, comunicação, dentre outros. Logo é a partir das necessidades da indústria que a cidade passa a ganhar maior notoriedade e atratividade, impulsionando assim o desenvolvimento urbano de forma significativa, já que os espaços vivenciados na cidade até então, se tornaram pequenos

demais perante as necessidades de um mercado consumidor altamente sedento de produtos. Nesse aspecto, entram em cena as articulações espaciais, cerne do crescimento urbano, capaz de interligar não mais apenas a cidade com o campo, ou vice-versa, mas literalmente as mais diversas e longínquas áreas do mundo.

No campo de análise da produção espacial, grande é a contribuição de Milton Santos, sobretudo quando nos remete as etapas da história do meio geográfico. Para ele tem-se a divisão em três etapas, sendo elas: o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional, sendo que essa última é a vivenciada em tempos atuais, “[...] onde os objetos mais proeminentes são elaborados a partir dos mandamentos da ciência e se servem de uma técnica informacional da qual lhes vem o alto coeficiente de intencionalidade com que servem às diversas modalidades e às diversas etapas da produção” (SANTOS, 2008a, *apud* LOCATEL e AZEVEDO, 2011, p.16).

Na busca por um melhor entendimento acerca do atual período geográfico, cabe relatar também as características de cada período anteriormente vivenciado. Diante disso, observamos que o meio natural é marcado pela força e respeito à natureza. Milton Santos em sua obra *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção* (2002, p. 235), lembra que “Quando tudo era meio natural, o homem escolhia da natureza aquelas suas partes ou aspectos considerados fundamentais ao exercício da vida, valorizando, diferentemente, segundo os lugares e as culturas, essas condições naturais que constituíam a base material da existência do grupo”. Logo existia um respeito e uma forma harmoniosa de vivência entre o ser social e a natureza.

Seguindo a cronologia do tempo viveu-se o meio técnico, aonde o respeito à natureza vai ficando de lado mediante o incremento das técnicas, consolidadas pela maquinaria. Na mesma obra citada acima, Santos pontua que:

O período técnico vê a emergência do espaço mecanizado. Os objetos que formam o meio não são, apenas, objetos culturais; eles são culturais e técnicos, ao mesmo tempo. Quanto ao espaço, o componente material é crescentemente formado do "natural" e do "artificial". Mas o número e a qualidade de artefatos varia. As áreas, os espaços, as regiões, os países passam a se distinguir em função da extensão e da densidade da substituição, neles, dos objetos naturais e dos objetos culturais, por objetos técnicos. (SANTOS, 2002, p. 236).

Por fim chegamos ao atual período, muito bem denominado pelo mesmo Santos, como meio técnico-científico-informacional, onde o respeito ao natural parece ter sido deixado totalmente de lado e as evoluções técnicas, sobretudo alicerçadas na parceria com a

ciência parecem não parar de progredirem, ainda mais em dias de velocidade informacional estonteante. Para o autor:

Neste período, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. Já hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de meio técnico-científico-informacional. (SANTOS, 2002, p. 238).

Manuel Castells (1999) reitera que a sociedade informacional enfatiza uma forma específica de organização social em que a geração, o processo e a transmissão da informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas surgidas com a revolução da tecnologia da informação.

Santos na sua obra *“Técnica Espaço Tempo – Globalização e meio técnico-científico informacional”*, lembra ainda que:

Nesta nova fase histórica, o mundo está marcado por novos signos, como: a multinacionalização das firmas e a internacionalização da produção e do produto; a generalização do fenômeno do crédito, que reforça as características da economização da vida social; os novos papéis do estado em uma sociedade e uma economia mundializadas; o frenesi de uma circulação tornada fator essencial de acumulação; a grande revolução da informação que liga instantaneamente os lugares, graças aos progressos da informática. (SANTOS, 1998. p.123).

Milton Santos tem analisado o período atual, em seu viés geográfico a partir dessa evolução do meio técnico-científico-informacional, sobretudo na busca da articulação entre espaço e globalização, não que os espaços sejam mundiais, mas principalmente porque as pessoas que vivem e, portanto produzem esses espaços estejam fortemente alçadas a globalização. Para o teórico,

[...] a globalização constitui o estágio supremo da internacionalização, a amplificação em “sistema-mundo” de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos. Nesse sentido, com a unificação do planete, a terra torna-se um só e único “mundo”, e assiste-se a uma refundição da “totalidade-terra”. Trata-se de nova fase da história humana. Cada época se caracteriza pelo aparecimento de um conjunto de novas possibilidades concretas, que modificam equilíbrios preexistentes e procuram impor sua lei. Esse conjunto é sistêmico: podemos, pois, admitir que a globalização constitui um paradigma para a compreensão dos diferentes aspectos da realidade contemporânea. [...] Como qualquer totalidade, a globalização só se exprime por meio de suas transformações. Uma delas é o espaço geográfico (SANTOS, 2005, p. 145).

É no entrelaçamento entre indústria e desenvolvimento técnico-científico-informacional que a produção técnica e tecnológica tem mostrado sua face e evidenciado o poderio capitalista na atualidade, tendo ele, o capitalismo, alçado voos talvez inimagináveis,

conseguindo não apenas obter seu objetivo maior, qual seja o lucro, mas, sobretudo produzindo espaços e aproximando os seres, o que se convencionou chamar de globalização. Nesse aspecto podemos afirmar que o desenvolvimento desse meio técnico-científico-informacional, ou meio geográfico, tem se mostrado como característica marcante da produção técnica e tecnológica na atualidade. Sobre isso Santos esclarece que,

O meio geográfico em via de constituição (ou de reconstituição) tem uma substância científico-tecnológico-informacional. Não é nem meio natural, nem meio técnico. A ciência, a tecnologia e a informação estão na base mesmo de todas as formas de utilização e funcionamento do espaço, da mesma forma que participam da criação de novos processos vitais e da produção de novas espécies (animais e vegetais). É a cientifização e a tecnicização da paisagem. É também, a informatização, ou antes, a informacionalização do espaço. A informação tanto está presente nas coisas como é necessária à ação realizada sobre as coisas. Os espaços assim requalificados atendem sobretudo a interesses dos atores hegemônicos da economia e da sociedade, e assim são incorporados plenamente às correntes da globalização (SANTOS, 2005, p. 148).

Outra questão importante na análise da produção técnica e tecnológica é a ideologia do consumo, principalmente enquanto forma atrativa de desenvolvimento e que graças à velocidade e o alcance das informações, seja através do computador, da televisão ou de outras formas mais, se viu fortalecida tanto a nível global quanto local, sendo que cada região, a depender de seu poderio econômico-financeiro apresenta especificidades próprias. Logo, no que compete especificamente aos chamados países “subdesenvolvidos”, como o Brasil, o incentivo ao consumo tem características peculiares. Santos (1997, p.14) esclarece muito bem sobre isso quando pontua que:

Nos países subdesenvolvidos, a ideologia precede o modo de produção. Ela não é o reflexo ou um espelho, uma superestrutura, ou seja, um resultado da produção. É, sim, o instrumento de penetração dos modos de produção novos, uma causa. A ideologia do crescimento ao nível de nação e do Estado, e a ideologia do consumo, ao nível dos indivíduos, são o motor da introdução das novas formas de produção.

Logo entram em cena as grandes empresas mundiais, que enquanto dirigentes do processo do consumo, penetram os mais diversos países, as mais severas economias, sobretudo através da flexibilização dos modos de produção, contando inclusive com o aval e com incentivos dos Estados, sob a égide do desenvolvimento local e, portanto transformando espaços em busca do aumento da lucratividade. Milton Santos nos lembra de forma muito pertinente que essas grandes empresas é que de fato possuem e de onde emana todo o comando da atual produção técnica e tecnológica, enfatizando que elas “servem-se de todas as redes e todos os territórios” (SANTOS, 1999, *apud* VASCONCELOS, 2009, p.06).

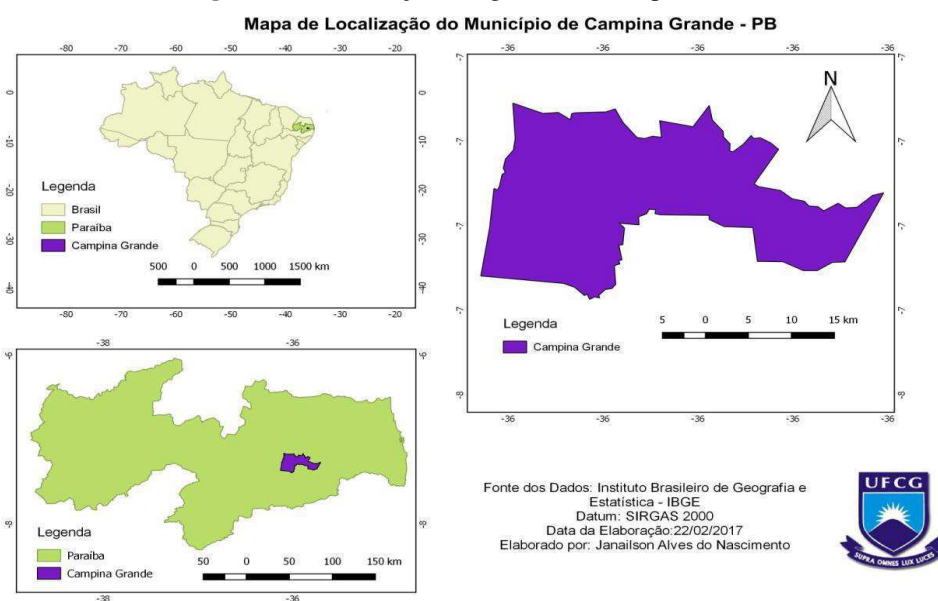
De fato a busca pelo entendimento da atual produção técnica e tecnológica tem carecido de um esforço maior, ou seja, do processo como um todo, isso sem deixar de lado as inúmeras partes desse todo. No que tange a isso, mais uma vez citamos Santos, que gratamente nos ensina que “[...] a teorização depende de um esforço de generalização e de um esforço de individualização. A generalização nos dá a listagem de possibilidades, e a individualização nos indica como em cada lugar, algumas dessas possibilidades se combinam” (SANTOS, 1988, p.58).

Portanto, partimos da relação indústria e produção técnica e tecnológica nos dias atuais, alicerçada no meio geográfico atual, caracterizado como meio técnico-científico-informacional, materializado, em particular, no município de Campina Grande na Paraíba e, de forma mais específica, no setor metalúrgico industrial, tendo como recorte a Indústria Metalúrgica Silvana S.A. para entendermos parte dos processos da dinâmica espacial encontrada nesse território.

### 3. O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL EM CAMPINA GRANDE: O SURGIMENTO DO SETOR INDUSTRIAL

A cidade de Campina Grande está localizada no interior do estado da Paraíba (Figura 1), sendo considerada a segunda principal cidade do estado, contando com uma população estimada de 407.754(quatrocentos e sete mil setecentos e cinquenta e quatro) habitantes (IBGE – 2016), apresentando desde suas origens, características peculiares de bastante destaque, sobretudo no que se refere ao setor industrial.

**Figura 1 – Localização Geográfica de Campina Grande/ PB**



Nesse sentido cabe lembrarmos que a cidade em recorte, surge enquanto entreposto comercial que ligava o litoral e o sertão do estado da Paraíba. Logo as práticas comerciais aí verificadas foram intensificando-se de forma que o comércio local ampliou-se e passara a interligar-se com outras localidades, a exemplo do estado vizinho de Pernambuco.

Entre os diversos produtos comercializados na cidade de Campina Grande, um em especial ganhou maior notoriedade, inclusive a nível internacional, o algodão, ou o “*ouro branco*”, como ficou á época conhecido. A produção-comercialização do algodão projetou Campina Grande em nível mundial, de forma que a cidade foi a maior produtora algodoeira do Brasil até a década de 1930, disputando com Liverpool, na Inglaterra, o posto de maior produtor mundial. Fato que a tornou, inclusive polo atrativo de toda uma região, ou “*capital regional*”, como ficou mais conhecida.

Com base na cultura algodoeira a cidade passa então a se desenvolver e consequentemente exigir investimentos, sobretudo no que se referia ao setor ferroviário, de forma que a partir da implantação do sistema ferroviário as transformações espaciais da cidade intensificaram-se, principalmente no que dizia respeito á movimentações comerciais, e ao aumento populacional. A sua população cresce na ordem de aproximadamente 245,0%, passando de 33.800 habitantes, em 1940, para 116.200 habitantes, em 1960 (SÁ; ARAÚJO, 1988 *apud* DINIZ, 2015, p.93).

Silva (2009) relata que o transporte ferroviário transformou a relação do sistema produtivo entre os Estados, sobretudo pela maior rapidez dada ao escoamento do que era produzido com o algodão, bem como por trazer produtos manufaturados ao sertão setentrional nordestino, vindos principalmente de Recife/PE, o que propiciou maior dinâmica para a circulação de mercadorias e capitais.

Segundo Lima (1996, p.36), o desenvolvimento técnico, através do setor industrial em Campina Grande iniciou-se no século XX, sobretudo com base, no acima referenciado, setor algodoeiro. Portanto:

Foi com base neste produto que surgiram as primeiras indústrias na cidade, no início do século XX. Estas indústrias pioneiras beneficiavam e prensavam o algodão, e até a década de quarenta se constituíam nas principais e quase únicas indústrias, exceção feita a pequenas “fabriquetas” domésticas sem grande expressão.

Desta forma, aos poucos a cidade adquiria um discurso modernista e animador, de “*acelerado*” processo de industrialização, de maneira que mesmo após o declínio do setor algodoeiro, a cidade conseguiu ser polo atrativo de investimentos, sobretudo por pesar em

favor dela, sua localização geográfica, que permitia a interligação comercial com várias localidades e o ideário modernista de seus filhos.

Os anos da década de quarenta testemunharam o surgimento de novas indústrias na cidade, elas diziam respeito principalmente aos setores do couro, têxteis e alimentícios. Porém ainda prevalecia o setor comercial local como elemento impulsionador de maior destaque para a economia da cidade.

A década seguinte (1950) teve como característica marcante a inquietação de toda uma região acerca dos desequilíbrios presenciados no país, sobretudo os de ordem infraestruturais e desenvolvimentistas. Falamos de um nordeste de condições de vida difíceis, de uma seca gritante e que carecia de outro olhar, ou seja, de maiores investimentos, principalmente por parte do Governo Federal, que no período referenciado centrava seu olhar basicamente nas regiões sul e sudeste.

Em busca de melhorias e desenvolvimento, a região contou com a importante ajuda da igreja católica, ou melhor, de parte dela. Quanto a isso, Lima (1996, p.15), nos relata que a cidade sediou o I Encontro dos Bispos do Nordeste em 1956, fato que atraiu olhares e investimentos para o nordeste e mais especificamente e intencionalmente para a cidade. Logo, Campina Grande mais uma vez largava na frente, sobretudo devido a sua influência regional, já bastante destacável. Os olhares da cidade e sobre a cidade eram tão intensos que Campina se tornara a única cidade brasileira, que não fosse capital de estado, a alojar uma federação de indústrias, a FIEP (Federação das Indústrias do Estado da Paraíba), fato de grande euforia e impulsão promocional da industrialização municipal.

No processo do desenvolvimento industrial da cidade de Campina Grande merece destaque especial à atuação da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, criada pela Lei nº 3.692, de 15 de dezembro de 1959), sobretudo por representar a atuação do poderio do estado no que se referia a planejamento e investimentos no setor industrial. De acordo com Alonso (2010) *apud* ALMEIDA (2011, p.26), a causa pela qual a indústria despontou em Campina Grande, deveu-se à interferência do Estado, a começar de 1960. Para Lima:

Com a criação da SUDENE, a cidade destaca-se pelo número de projetos enviados ao órgão, como também pelas facilidades criadas para instalação de indústrias no município. É desenvolvida toda uma estratégia de atração de indústrias, que aqui instaladas receberiam algumas vantagens não oferecidas em outras cidades. (LIMA, 1996, p.37).

Dentre as estratégias criadas para atrair indústrias a cidade, estava à criação de políticas de isenção fiscal e tributárias, cessão de terrenos, mão de obra mais barata que as

ofertadas em outros locais e para, além disso, o oferecimento de um distrito industrial, que á época já se encontrara em execução e que, portanto daria à infraestrutura necessária as indústrias que ali se instalassem. Assim a cidade passa a receber a instalação de algumas indústrias e conseqüentemente tinha-se o aumento do número de operários (muitos deles praticavam a agricultura como meio de vida até então).

Logo este município passava a experimentar uma nova forma de caracterização de seu meio geográfico, ou melhor, experimentava a sobreposição do meio técnico científico em relação ao meio natural. Algo extremamente voraz, capaz de transformar espaços, atrair pessoas e necessitar demandas, sobretudo aquelas que apenas o poderio capitalista poderia oportunizar.

Para melhor esclarecer acerca da influência regional que Campina Grande dispunha, inclusive já antes da valorosa contribuição e da atuação da SUDENE no processo de ampliação do setor industrial e deste setor na transformação do meio geográfico nesta cidade, apresentamos abaixo quadro demonstrativo:

### **QUADRO N° 01**

Estado da Paraíba

NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS E DE OPERÁRIOS 1940/50/60

MUNICÍPIO	N° DE ESTABELECIMENTOS			DIFERENÇA EM (%)		N° DE OPERÁRIOS		DIFERENÇA EM (%)
	1940	1950	1960	1950/40	1960/50	1950	1960	1960/50
<b>C. GRANDE</b>	<b>87</b>	<b>93</b>	<b>212</b>	<b>6,8%</b>	<b>127%</b>	<b>1.202</b>	<b>2.588</b>	<b>115,3%</b>

Fonte: IBGE. Censo Industrial do Estado da Paraíba - 1939, 1940, 1959... (Adaptado de Lima, 1996).

O quadro acima, mais que mostrar o crescimento industrial em Campina Grande, revela mudanças estruturais na vida da população, que antes considerada extremamente rural-agrária passava a experimentar um novo modelo de vivência chamado urbano-industrial, capaz de atrair pessoas de várias localidades, de forma que a cidade crescia consideravelmente também em contingente populacional.

A seguir apresentamos quadro do aumento do contingente populacional urbano e conseqüente descenso da população rural:

### **QUADRO N° 02**

CAMPINA GRANDE - EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA - 1950/60/70/80/90

DISTRIBUIÇÃO POR ZONA	1940	1950	1960	1970	1980	1990
RURAL	95.501	91.874	81.171	27.929	19.649	18.839
<b>URBANA</b>	<b>33.818</b>	<b>81.332</b>	<b>126.274</b>	<b>168.045</b>	<b>228.171</b>	<b>307.468</b>
TOTAL	126.319	173.206	207.445	195.974	247.820	326.307

Fonte: IBGE (Adaptado de LIMA, 1996).



A década de 1960 apresentava o efetivo declínio do setor algodoeiro (consequência da crise econômica deflagrada nesse setor) e a consequente demanda pela estruturação financeira baseada em outros produtos e/ou setores.

Na tentativa de superar a crise vivenciada na cidade, a Federação das Indústrias passa então a atuar de forma mais concisa em prol de soluções que buscassem resolver efetivamente os problemas aí encontrados. Nesse sentido, a FIEP envia ao presidente da república da época, a saber, Juscelino Kubitschek uma carta com alguns pleitos, dentre os quais destacamos<sup>1</sup>:

- Amparo à agricultura e à pecuária como forma de aumentar a produtividade via orientação técnico-científico pela **ANCAR** (Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural);
- Continuação da pesquisa e início de novas prospecções no campo da produção mineral;
- Providências em relação às secas e transferência da sede do **DNOCS** (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) para Campina Grande;
- Política de investimentos visando à industrialização das matérias-primas aqui existentes e criação de novas indústrias com financiamento do BNB;
- Extensão e melhorias na rede ferroviária;
- Ampliação e “barateamento da rede elétrica”.

Mediante essas solicitações e outras mais a cidade ia conseguindo se sobressair à crise e conseqüentemente se reestruturar, sobretudo através de novas políticas industriais. Para melhor enfatizar sobre o acima citado, Lima (1996, p.44), relata, a partir de dados da FIEP de 1963, que “[...] no campo da indústria, a cidade contava com mais de 220 estabelecimentos industriais. Destes, 24 estabelecimentos com mais de 10 operários e 12 com mais de 50 operários”.<sup>2</sup>

Dentre as indústrias instaladas na cidade, a indústria de transformação, aqui especificadas enquanto indústrias de algodão, sisal, minérios e óleos eram as de maior destaque, ainda que grande parte delas fosse responsável apenas pelo beneficiamento de matérias primas.

Quanto ao destino final do que era produzido á época, o mesmo autor observa que se tratava de atender a um mercado distante. Assim nos esclarece:

Estas indústrias de beneficiamento atendiam a um mercado consumidor distante, escapando do âmbito estritamente nordestino, como é o caso das indústrias que beneficiavam o couro e exportavam para a região Sudeste e Sul e as que beneficiavam algodão exportando, inclusive, para o mercado externo [...]. (LIMA, 1996, p.44).

<sup>1</sup> Carta de Reivindicações Econômicas do Estado da Paraíba. Ao Presidente Juscelino Kubitschek. (FIEP, 1956 *apud* LIMA, 1996).

<sup>2</sup> Dados da FIEP (1963) *apud* LIMA (1996).

Oliveira (2007) *apud* ALMEIDA (2011, p.27), lembra que no período de 1969 a 1979 Campina Grande apresentava-se como um dos grandes centros da atividade industrial moderna, inclusive em nível de Nordeste. Cabe lembrar, porém que durante o período acima referido o país se encontrava em momento de dificuldade, sobretudo quanto à expansão do capital o que, portanto refletiu diretamente no setor industrial como um todo, de forma que a cidade não passou imune ao fato. Quanto a isso Alonso (2010, p.07) *apud* Almeida (2011, p.27), enfatiza:

[...] quanto aos efeitos das crises de expansão do capital, ou seja, da crise da indústria no bojo da estrutura econômica brasileira e seus reflexos no quadro produtivo campinense. Desde a denominada crise do milagre econômico, quando a indústria nacional entra num ciclo de desaceleração (1973-1980), os reflexos desse processo também afetaram a indústria campinense. Ocorre que o fechamento, mesmo que seja de uma única indústria importante, numa estrutura produtiva de dimensões regionais, embora modesta, comparados aos de outras regiões industriais brasileiras, tem uma repercussão mais significativa. Foi o caso, por exemplo, do fechamento da fabricante de fogões Wallig Nordeste, a maior fábrica do município naquele momento e que, ao encerrar suas atividades em 1979, engendrou dificuldades de toda ordem para Campina Grande.

Ao falarmos da expansão industrial de Campina Grande não poderíamos deixar de fora a forte contribuição também do setor privado. Nesse sentido, nos referimos de forma mais contundente ao papel desempenhado pelo grupo de ideologistas-desenvolvimentistas destacados nas figuras de Edvaldo de Souza do Ó e Lopes de Andrade. Ambos foram os responsáveis pela criação da FUNDACT (Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica), ainda no ano de 1957.

A FUNDACT surge então com um discurso ultra-animador, inclusive sob a prerrogativa de ser a industrialização o ponto primordial para a melhoria da vida das pessoas e para o crescimento não apenas da cidade, mas também para o estado e toda a Região Nordeste. Logo o objetivo da fundação estava centrado no fomento ao investimento na cidade.

Além de fomentar investimentos e orientar empresários no setor industrial da cidade, a FUNDACT também criou a Escola Industrial de Campina Grande, que dentre outros aspectos, fornecia técnicos para a indústria que se expandia. Lima (1996) lembra que a fundação contava com forte apreço do prefeito municipal da época, a saber, Newton Rique (considerado por muitos o principal incentivador da industrialização campinense, sendo, aliás, durante sua administração que foi iniciado o projeto de criação do Distrito Industrial de Campina Grande, tendo continuidade com Williams Arruda), de forma que foi baseado nas ações e sugestões da fundação que o prefeito criou a Companhia de Industrialização de Campina Grande (CINGRA), que acabou por assumir o papel da FUNDACT.

A CINGRA surge então do entrelaçamento entre o poder privado e o público, de maneira que os próprios fundadores da FUNDACT se tornaram os diretores da companhia. Nesse sentido, a partir dela (CINGRA), foram tomadas diversas medidas no que se refere à modernização das indústrias já existentes e também no que dizia respeito a melhorias de infraestrutura, sobretudo para conseguir atrair grandes indústrias a investirem em seus ramos aqui na cidade. Falamos aqui principalmente das indústrias originárias da região Sudeste.

De acordo com Lima (1996, p. 56), as ações que norteavam a companhia eram:

- Implantação de indústrias
- Financiamento a empresas
- Agenciamento de capital e “know-how”

Como é possível constatar, apesar de sua pouca duração (de 1969 á 1970), a CINGRA atuou de forma destacável para o fortalecimento industrial da cidade, sobretudo quando dos incrementos infraestruturais e dos incentivos oportunizados as indústrias aqui instaladas. Cabe destacar ainda que a companhia foi a responsável direta na articulação para a instalação de duas das maiores indústrias da cidade: a CANDE e, sobretudo a WALLIG.

Para melhor destacarmos a importância da instalação da WALLIG para a cidade, mais uma vez citamos Lima, que bem classifica:

Para se aferir a importância da Wallig, basta dizer que, tendo iniciado suas operações em 1967, inaugurada festivamente pelo então Presidente da República, General Costa e Silva, já em 1968, a empresa foi responsável por 12,22% do valor da produção industrial do Estado, ficando o item “fogões não elétricos” em 4º lugar, abaixo de tecidos de algodão, farinha de trigo e cimento Portland. O objetivo da Wallig era abastecer todo o mercado de fogões do Nordeste e Norte do país. (LIMA, 1996, p.72).

Campina Grande sempre contou com um imaginário modernista muito forte, o que de fato ajuda a explicar seu desenvolvimento, inclusive até os dias atuais. Logo, cabe destacar que sua ascensão tanto industrial quanto nos demais setores, foram proporcionados em muito pelo aspecto valorativo no tocante as produções técnico-científicas aqui observadas. Nesse sentido, grandes foram as contribuições da antiga Escola Politécnica da Paraíba, criada em 1952 (hoje centro de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de Campina Grande), sobretudo pelo fornecimento de profissionais altamente qualificados para o mercado que se ensejava como impulsionador do crescimento.

Para termos ideia das contribuições que a escola propiciou, sobretudo para a afirmação deste espaço enquanto polo tecnológico de grande poderio atrativo para investimentos, lembramos que Campina Grande foi a primeira cidade do Norte e Nordeste e

uma das 5 brasileiras a possuir um computador, o IBM 1130<sup>3</sup>. Mais que contar com a presença de um computador a escola politécnica representou o ideário vindouro do progresso. Lembramos ainda que a escola projetou e deu credibilidade a esta cidade<sup>4</sup>.

Ao falarmos de forma mais específica acerca do distrito industrial de Campina Grande (em dias atuais), se faz necessário lembrar-se de um já anteriormente existente, localizado na zona oeste da cidade, situado às margens do açude de Bodocongó. Dentre as indústrias situadas nesta área estavam as de beneficiamento de couros e peles, de papel e também de pré-moldados. Porém como esta área era bastante povoada acabou por não permitir a ampliação do setor industrial, de forma que a criação do distrito industrial ocorreu na zona sul da cidade. Sobre isso Lima relata que:

Vários fatores foram considerados na escolha desta área para instalação do Distrito Industrial, tais como; a) Topografia b) Distância dos Grandes Centros Populacionais; c) Água; d) Transporte; e) Disponibilidade de Energia; f) Solo; g) Sistema Telefônico; h) Grau de Subdivisão das Glebas Existentes; i) Proximidade da Disponibilidade do Transporte Ferroviário e j) Eliminação dos Resíduos Industriais. [...], Esta área inicial de 196 hectares, começou a ser ocupada ainda em 1964 com a instalação das oficinas do DNOCS e completou sua ocupação em 1977, quando já contava com 25 indústrias instaladas, além do DNOCS e do SESI. (LIMA, 1996, p.63).

Como é possível mensurar, a criação do Distrito Industrial de Campina Grande alavancou sobremaneira o crescimento industrial dessa cidade, de forma que ainda no ano de 1965 a cidade se apresentava como a quarta mais beneficiada com projetos de implantação ou ampliação de fábricas.

A cidade então ia se desenvolvendo á passos largos, sobretudo via SUDENE, quando da aprovação dos vários projetos a ela enviados. “Segundo dados do SESI, em 1965, a indústria campinense já empregava mais que o comércio, tendo aquela 16.425 pessoas empregadas, enquanto este empregava 14.733 pessoas” (LIMA, 1996, p.73). De acordo ainda com Lima:

De 1961 a 1970, foram aprovados para Campina Grande 26 projetos industriais. Desses, 11 projetos foram de instalação de indústrias, 10 de ampliação e ou modernização e 5 de reformulação financeira. [...], O período de maior aprovação de projetos para a cidade se deu exatamente entre 1965/67, quando tivemos 15 projetos aprovados, predominando neste período os minerais não metálicos e metalurgia. (LIMA, 1996, p. 73-75).

<sup>3</sup> IBM 1130 - um impulso à criação do curso de Ciência da Computação da UFCG. Disponível em < <http://www.dsc.ufcg.edu.br/~pet/jornal/marco2007/ocurso.htm>>. Acesso em 23 Jun. 2017.

<sup>4</sup> “[...], seguindo a sua vocação, o CCT (antiga escola politécnica) tem se transformado em referencial nacional de Ciência e Tecnologia [...]”. História do CCT. In: **Centro de Ciências e Tecnologia – CCT/UFCG**. Disponível em < <http://www.cct.ufcg.edu.br/>>. Acesso em 23 Jun. 2017.

**QUADRO N° 03**  
**INDÚSTRIAS INCENTIVADAS PELA SUDENE - CAMPINA GRANDE**  
**(PB)1961 – 1970**

ANO	NOME DO ESTABELECIMENTO	PRODUTO
1961	CASA FRACALANZA	Cordas e Fios de Sisal
1962	COTONIFÍCIO CAMPINENSE	Sacos de Algodão
1963	FRACALANZA	Sacos de Algodão
1964	CANDE	Tubos Plásticos Rígidos
1965	CANDE	-
	INCOPRESA.	Elementos Vazados, Ladrilhos Hidráulicos, Morões de Concreto Armado, etc.
	ILCASA	Leite Pasteurizado
	SIBRAL	Sisal
	WALLIG NORDESTE S.A.	Fogões a Gás Liquefeito
1966	CANDE	-
	FIBRASA	Beneficiamento de Sisal
	IPELSA	Celulose e Papel
	PREMOL	Artefatos de Concreto
	WALLIG NORDESTE S.A.	-
1967	BENTONIT UNIÃO NORDESTE S.A.	Beneficiamento de Argila/Bentonita (Minerais não Metálicos)
	ARTEFATOS METALÚRGICOS MÜLLER NORDESTE S.A.	Utensílios Domésticos, Pias Metálicas, Painéis Arquitetônicos, etc.
	FERTILIZANTES DE CAMPINA GRANDE S.A.	Industrialização de Lixo Urbano
	BENTONIT UNIÃO NORDESTE S.A.	-
	WALLIG NORDESTE S.A.	-
1968	ARBAME MALLORY DO NORDESTE S.A.	Artigos Elétricos e Componentes Eletrônicos
	FRIGRANDE	Tecidos Comestíveis e Subprodutos de Bovinos e Suínos
1969	BENTONIT UNIÃO NORDESTE S.A.	Beneficiamento de Argila/Bentonita (Minerais não Metálicos)
	BESA	Placas Esponjosas de Borracha
1970	ARTEFATOS MÜLLER NORDESTE S.A.	Utensílios Domésticos, Pias Metálicas, Painéis Arquitetônicos, etc.
	COTONIFÍCIO CAMPINENSE S.A.	Sacos de Algodão
	ILCASA	Beneficiamento de Leite

FONTE: Projetos Industriais Aprovados pela SUDENE - 1960 a 1970. Campina Grande - Paraíba. SUDENE, Biblioteca Central. Recife - Pernambuco. Adaptado de Lima (1996).

A década seguinte (1971 a 1980) presenciou uma retração no número de projetos aprovados pela SUDENE, o que conseqüentemente representou certa desaceleração do setor industrial no município. Cabendo ressaltar que tal desaceleração se dava em virtude de momento vivenciado no país como um todo, sobretudo pelos efeitos da crise de expansão do capital.

Atualmente, Campina Grande conta com um total de quatro distritos industriais<sup>5</sup>. São eles: o Distrito Industrial de Campina Grande; o Distrito Industrial do Velame; o Distrito Industrial da Catingueira e o Distrito Industrial do Ligeiro.

Por fim, pode-se afirmar que a cidade de Campina Grande foi sempre muito beneficiada no tocante ao setor industrial, sobretudo pós-SUDENE, seja no que diz respeito à

<sup>5</sup> A cidade já acena para a instalação de mais um distrito industrial, alojado no conjunto habitacional de nome “Complexo Aluízio Campos”.

instalação de novas indústrias, ou de melhorias as já existente, ainda que os diversos momentos de maior criticidade pelo qual passou, e tem passado o setor, tenha ensejado alguns pontos fora da curva.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 A Indústria Metalúrgica Silvana e a sua Dinâmica Espacial

A história da indústria metalúrgica Silvana começou a ser escrita pelo empresário Ivan Farias (*In Memoriam*) ainda no ano de 1964. Antes da realização do empreendimento, Ivan Farias juntamente com seu concunhado, Manuel Buarque Gusmão foram proprietários de uma empresa de ônibus aqui na cidade de Campina Grande.

Farias em entrevista concedida a “*revista fisco*”, no ano de 1979, conta que um dos motivos que o fez trocar o seguimento de transporte urbano pelo industrial fora o muito trabalho exigido pelo primeiro, o que acabava por torná-lo ausente de sua convivência familiar. Nesse sentido, ele e Buarque resolveram mudar de ramo e para tal atitude fizeram diversas pesquisas acerca de qual rumo deveriam tomar. É quando resolvem comprar uma pequena empresa de nome, *Indústria Metalúrgica Irmãos Braga Ltda.* “a indústria tinha uma linha de produção muito pequena e um mercado bastante restrito” (REVISTA FISCO, 1979, p.34).

Ainda nas falas de Ivan Farias (REVISTA FISCO, 1979, p.34), até 1967 ele e seu concunhado continuaram com a sociedade. Após esse período Buarque resolve seguir para outro ramo empresarial. É quando Farias compra a parte deste e torna-se único proprietário, resolvendo também mudar o nome da indústria que passaria a se chamar “*Indústria Metalúrgica Silvana Ltda.*”. (o nome da empresa se deu em virtude de homenagem a filha do empresário, chamada Silvana).

**Figura 2** – Frente da Metalúrgica Silvana na década de 1970



**Fonte:** Revista Fisco, 1979.

Na busca pelo crescimento e consolidação da indústria, no ano de 1970, o empresário compra o prédio no qual a empresa se localiza até os dias atuais<sup>6</sup>. A época a produção industrial correspondia apenas a dobradiças e ferrolhos, sendo acrescentada, quando da compra do novo prédio, a produção de fechaduras, pás e arruelas (REVISTA FISCO, 1979, p.34).

Após a ampliação de seu espaço físico, e em muito também graças aos incentivos obtidos junto ao NAI-PB (Núcleo de Assistência Industrial, que em dias atuais corresponde ao SEBRAE-PB<sup>7</sup>), a empresa conseguiu melhorar sua produção, tanto em quantidade como em qualidade, de forma que a demanda crescia intensamente e seu mercado consumidor se ampliava, como revelava o próprio Farias (REVISTA FISCO, 1979, p. 35 – 36).

O empresário relata que nesse período (década de 1970), os principais destinos da produção se apresentavam na seguinte ordem: os Estados de Pernambuco, Bahia, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Pará e Amazonas.

Sobre a origem da matéria prima, conta-nos Farias (REVISTA FISCO, 1979, p.35) que eram provenientes, sobretudo da Companhia Siderúrgica Nacional - CSN (chapas de aço), localizada em Volta Redonda no Estado do Rio de Janeiro e da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira (ferro redondo, fitas de aço para molas de ferrolho e de fechaduras), sediada no Estado de Minas Gerais, além de uma laminação vinda de São Paulo.

O corpo diretivo inicial da indústria era preenchido pelo proprietário e diretor-gerente Ivan Farias, sua esposa Maria do Socorro Farias e seu irmão, diretor industrial, Gilvandro de Farias.

O empresário relata ainda que um dos pilares motivacionais que alavancaram o crescimento da indústria foi à contratação de serviços especializados de uma empresa vinda de São Paulo (propiciou a reorganização, a racionalização e a maior eficiência da empresa), e à participação nos lucros da empresa por parte de alguns funcionários. Para Ivan, isso foi uma forma certa de motivar o funcionário a produzir mais e melhor. Conta ele ainda que Campina Grande é berço de mão de obra boa e especializada, além de um perfil de inovação tecnológica impar, onde a empresa tem percebido e buscado aproveitar-se da melhor forma possível. (REVISTA FISCO, 1979, p.36).

---

<sup>6</sup> Atualmente a indústria está localizada na Avenida Jornalista Assis Chateaubriand, 4115, Distrito Industrial - Campina Grande - Paraíba / Brasil.

<sup>7</sup> O papel do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE é fomentar a criação, expansão e modernização de microempreendedores individuais, microempresas e empresas de pequeno porte, facilitando o acesso a conhecimento, crédito, tecnologia e capacitação para todos aqueles que investem ou pretendem investir em uma atividade produtiva.

**Figuras 3 e 4** – Funcionários operando maquinarias adquiridas na década de 1970



**Fonte:** Revista Fisco, 1979.



**Fonte:** Revista Fisco, 1979.

Para termos ideia do crescimento gradual da empresa, o proprietário relatara que a indústria já contava, na década de 1970, com 95 funcionários e que seu capital empresarial passara de quatro mil cruzeiros em 1964, para perto dos trinta milhões de cruzeiros em 1978. Para, além disso, aquela pequena indústria de produção e mercado muito reduzidos contava, já em 1978, com uma produção de mais de dez mil dúzias/mês de fechaduras e quase quarenta mil dúzias/mês de ferrolhos e dobradiças. (REVISTA FISCO, 1979, p.36).

**Figuras 5 e 6** - Linhas de Produção Silvana - 1978



**Fonte:** Revista Fisco, 1979.



**Fonte:** Revista Fisco, 1979.

Como é possível observar nas palavras do proprietário da indústria, o desenvolvimento do meio técnico, caracterizado pelas inovações técnicas, pelo crescimento do espaço mecanizado e as transformações desse mesmo espaço, foi um dos fatores essenciais para o crescimento da empresa, sobretudo no período de crise do setor industrial, pelo qual passou o país como um todo.

Ivan Farias faleceu no ano de 2006, após acidente automobilístico, porém seu legado empresarial continuou em funcionamento, sob a direção de seu filho Ivan Farias Filho. Ivan Filho continuou a frente da empresa até o segundo semestre do ano de 2014, quando então resolveu vender a empresa ao grupo ASSA ABLOY Brasil.

A ASSA ABLOY Brasil, desde 2001 no país, corresponde a uma filial do grupo empresarial de nome ASSA ABLOY, constituído em 1994, de origem sueca e finlandesa,



proprietária de uma gama bastante ampla de produtos e marcas, tanto a nível nacional quanto internacional.

[...], compreende mais de 400 empresas subsidiárias em 70 países, ultrapassando a casa de 40 mil funcionários e faturamento de cerca de 7,3 bilhões de dólares. [...], O Grupo de origem nórdica possui uma posição de liderança não só nos países nórdicos como também na França, Países Baixos, Grã-Bretanha, América do Norte, África do Sul, China, Austrália, Sudeste Asiático e Brasil. (sítio oficial ASSA ABLOY Brasil).<sup>8</sup>

Para termos ideia da importância e da força de penetração desta multinacional no espaço brasileiro, observamos, conforme o próprio sítio da empresa, que em pouco mais de 15 anos de atuação em nosso país, o grupo já adquiriu grandes marcas de prestígio nacional como a *La Fonte*, *Papaiz*, *Udinese*, *Metalika*, *Vault*, para além da própria *Silvana*. Lembramos ainda que a empresa, sobretudo caracterizada por sua marca, possui representação direta em todos os estados Brasileiros, seja através de revenda, engenharia ou OEM - Original Equipment Manufacturer (produtos fabricados especialmente para grandes empresas).

Como é possível constatar, a Indústria Metalúrgica Silvana, ao longo de seus mais de 50 anos, tem se consolidado intensamente no mercado, de forma que sua aquisição por parte do grupo acima citado a fez ganhar status mundial, o que de fato tem confirmado o poderio capitalista global, capaz de penetrar e transformar os mais distintos espaços. Nesse sentido, aquela indústria, de pequena linha de produtos na década de 1970 (apenas dobradiças, ferrolhos, fechaduras, pás e arruelas), confecciona hoje, mais de 1500 itens em um dos parques fabris mais modernos do país<sup>9</sup>.

**Figura 7** - Vista aérea da empresa - 2017



**Fonte:** Página Oficial da empresa na internet, 2017

<sup>8</sup> GRUPO ASSA ABLOY Brasil. Disponível em: <<http://www.assaabloy.com.br/pt-br/local/inicio/assaabloybrasil/>>. Acesso em 05 Jul. 2017.

<sup>9</sup> Assa Abloy Nordeste Sistemas de Segurança Ltda. Disponível em: <<http://www.silvana.com.br/Other/SilvanaCOMBR/Downloads/Cat%C3%A1logo%20de%20Produtos%20-%20Silvana.pdf>>. Acesso em 06 Jul. 2017.

A seguir apresentamos alguns dos produtos confeccionados atualmente pela empresa:



**SmartArt:** J. A. do Nascimento, 2017.

Se por um lado a empresa cresceu em nível comercial, por outro ela tem perdido seu elo com o local, e aí não estamos a nos referir ao quesito força de trabalho, haja vista que seu corpo de funcionários (hoje a empresa conta com mais de 400)<sup>10</sup> é proveniente em sua grande maioria da própria cidade de Campina Grande, mas estamos a nos referir especificamente as suas ramificações.

Podemos afirmar, e o próprio sítio da empresa corrobora com nossa afirmação, que daquela pequena indústria local, que muito se orgulhava de sua relação com a cidade e com seu povo, tem restado basicamente à marca “*Silvana*”, que agora se chama “*Silvana ASSA ABLOY*”, já que até mesmo o nome da indústria foi modificado passando a se chamar, ASSA ABLOY Nordeste Sistemas de Segurança Ltda.

#### **4.2 De Metalúrgica Silvana S.A á ASSA ABLOY Nordeste Sistemas de Segurança Ltda.: Análise a partir da visão de funcionários.**

Para análise de características do antes e pós venda da empresa, apresentamos a visão de funcionários que vivenciaram na prática algumas das nuances de como era, e de como tem caminhado seu funcionamento em dias atuais. Nesse sentido, foram respondidos alguns questionamentos por funcionários. O primeiro deles trabalhou na empresa entre os anos de 2003 á 2006, portanto no período anterior a sua multinacionalização, atuando na função de torneiro mecânico. Estimulado a falar sobre a relação do proprietário e do corpo diretivo com os funcionários, obteve-se a seguinte fala:

Farias era bastante acessível, estava praticamente todos os dias na empresa. Sempre verificando a produção, bem simpático, costumava até contar algumas piadas. Não havia dificuldades em falar com ele, nem com o irmão dele (Gilvandro), que era um dos diretores, nem com os gerentes, até porque a própria parte gerencial da empresa estava muito próxima da linha de produção. Os gerentes e engenheiros ficavam em uma sala que foi construída bem no centro da produção. (J.A.N., 21-07-2017).

<sup>10</sup>Assa Abloy Nordeste Sistemas de Segurança Ltda. Disponível em: <<http://www.silvana.com.br/Other/SilvanaCOMBR/Downloads/Cat%C3%A1logo%20de%20Produtos%20-%20Silvana.pdf>>. Acesso em 06 Jul. 2017.

Ainda sobre aspectos da empresa, tais como a origem da mão de obra, de parcerias, destinos da produção, incentivos recebidos e algo a mais que merecesse destaque, conta que:

A maioria dos trabalhadores era daqui de Campina mesmo. Tinham alguns que vinham de Queimadas, mas eram poucos. Lembro que lá sempre tinha estagiários do SENAI e que a Silvana tinha parceria com cooperativas, principalmente para as montagens de dobradiças. Quanto ao que era produzido, sei que era vendido principalmente para o Nordeste. As entregas aqui de perto eram feitas em caminhão pequeno que a empresa tinha e quando ia pra longe, eram levados através de transportadora. Sobre os incentivos por parte do governo, eu não sei dizer se recebiam não. O que me chamava atenção era que o proprietário sempre buscava valorizar com gratificações os funcionários que não faltassem ao trabalho e aos que contribuíssem com ideias inovadoras. (J.A.N., 21-07-2017).

O segundo funcionário, trabalha na empresa desde o ano de 1999, atualmente trabalha no setor de melhorias de equipamentos, já tendo atuado também como encarregado de manutenção e encarregado de estamperia. Ao ser questionado sobre os mesmos itens apresentados acima, porém na perspectiva do período pós-venda e de aspectos comparativos, nos respondeu assim:

Hoje em dia a gente também não tem dificuldade de acesso aos diretores da empresa. O que mudou foi que antes dela ser vendida, a gente falava diretamente com o dono e ele respondia na hora, que sim ou que não, hoje, porém a gente fala com o diretor e ele sai passando pra outros diretores mais importantes que não ficam aqui. Todo esse processo é feito através de internet e leva certo tempo para termos a resposta. Sobre a parte de contribuição da Silvana para a cidade, eu destaco a geração de emprego e o fornecimento de seus produtos nas áreas de construção civil e outros comércios do ramo. (A. T., 28-07-2017).

Sobre demais aspectos da empresa, nos contou assim:

A maioria dos funcionários ainda é daqui de Campina Grande, cerca de 90%, tem mais uns 8% que vem de cidades vizinhas, como Queimadas e Lagoa de Roça e os outros 2% de outros Estados, que é a parte mais de diretores e engenheiros. Quanto à produção, sei que a maior parte é comercializada aqui no Nordeste, mas também é vendida nas outras regiões, e acredito que cerca de 1% de toda a produção sai pra fora do país, principalmente aqui na América do Sul. Toda a parte logística é feita por transportadoras. Bom, sobre a parte de parcerias, sei que a empresa recebe estagiários do SENAI. Sobre a questão de dificuldades de recrutamento de pessoal especializado, o que posso falar é que existe certa dificuldade em todas as áreas da produção, é tanto que a empresa contratou pessoal de fora para cada setor, de forma que este pessoal vai qualificando os funcionários daqui. No que se refere a incentivos, eu sei que recebe, até porque tem uma placa na frente da empresa mostrando, só não consigo lembrar qual ou quais. Você me pergunta o que eu gostaria de falar e que não foi perguntado! Olha, a Silvana mudou em muitos pontos, hoje ela tem uma gestão moderna, com muitas informações sobre o que ela quer, sobre fazer e como fazer, super controle de produção e controle de todo setor industrial, tanto humano quanto de maquinário. Esse foi o lado bom, agora vamos ao ruim: a parte burocrática aumentou em 90%, você faz uma solicitação e tem que passar por vários setores pra saber se vai ou não ser atendida, mesmo que seja pra comprar um parafuso. Antigamente todo mundo se conhecia pelo nome, hoje praticamente ninguém conhece ninguém, o funcionário é um número. Sim a questão de metas também é outro ponto que piorou, somos cobrados por metas e que tem que ser batidas mesmo havendo redução de funcionários. (A. T., 28-07-2017).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de apresentar-se como algo acabado, nossa pesquisa enfatiza que ao setor industrial se devem inúmeras e significativas mudanças nos mais distintos e longínquos espaços, de forma que sua implantação, notadamente caracterizada pela efetivação das técnicas, evolução da ciência e do poderio e velocidade de circulação das informações, demarcou a solidez do sistema de produção capitalista e a inserção de um novo meio geográfico, convencional e oportunamente chamado “*meio técnico-científico informacional*”.

O município de Campina Grande sempre teve destaque, sobretudo se analisado no prisma industrial regional, inclusive atuando de forma pioneira, se comparado a inúmeras cidades da região, para não dizer também em se tratando de País. O pioneirismo acima referido se deve mais especificamente a fatores como: posição geográfica estratégica, oferta de incentivos fiscais, imbricados pelo poder do aparelho do Estado, e também pela altivez desenvolvimentista de seu povo. As características encontradas neste município fornecem todas as condições ensejadas para a análise e o desenvolvimento do novo meio geográfico vivenciado.

Deste modo, podemos observar que grande parte das transformações ocorridas durante a produção e a reprodução deste espaço teve relação direta com o setor industrial, inicialmente representado pela pequena indústria e atualmente por sua dimensão multinacional. A indústria a qual nos propomos a estudar mais diretamente é representante destacável nesse processo, haja vista que seu surgimento no ano de 1964, significou atratividade e crescimento para a cidade e toda uma população, e em dias atuais por sua considerável dimensão, uma vez que hoje a empresa tem ramificações (representação comercial) em todos os estados do país, além de exportar seus produtos para outras partes do mundo.

Fato a se lamentar na produção de nossa pesquisa foi a não receptividade por parte da indústria, sobretudo no que se refere a informações *in loco*. Logo, cabe relatar que foram feitas algumas visitas à empresa, na perspectiva de coleta de informações e imagens, onde houve toda uma burocratização e a negativa de atendimento aos nossos pleitos. Porém a falta de “receptividade e informações” não ensejou o fim de nossa pesquisa, ao contrário nos motivou ainda mais na perspectiva de evidenciarmos e relatarmos o quanto essa indústria de muito zelo pelo local, sobretudo nas primeiras décadas de sua existência, teve e tem perdido seus laços e sua identificação com o município.

Acreditamos que a aquisição da Indústria Metalúrgica Silvana, por parte do grupo multinacional ASSA ABLOY, além de evidenciar a forma de atuação desenraizada das

grandes empresas mundiais, refletem algumas das características do meio técnico-científico-informacional, quais seja a elevação do lucro do capital, em muito representado pelas políticas de cunho neoliberal, a abertura comercial externa e a dificuldade de acesso *in loco* das informações.

Parece até contrastante evidenciarmos que em tempos de acesso informacional gigantesco e extremamente veloz, não tenhamos conseguido informações diretamente na empresa. Nesse sentido, não poderíamos deixar de apontar uma já vivida, e com grandes perspectivas de evolução, tendência de “fechamento de portas”, no que se refere às contribuições, diretamente da fonte, para desenvolvimentos de pesquisas como a nossa, sobretudo pela real possibilidade de serem observadas e relatadas características que possam vir a comprometer o nome das empresas.

## 6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de. **Relações Socioespaciais No Contexto Das Indústrias De Calçados Informais De Campina Grande: Paraíba**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Geografia. CCEN/UFPB, João Pessoa – PB, 2011.

ALONSO, Sérgio Fernandes. **Da política de industrialização ao polo tecnológico: as transformações na indústria e no trabalho**. (Texto em Discussão), 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e Indústria**. 5ªed. – São Paulo: Contexto, 1992.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/Sudene>>. Acesso em 26 de junho de 2017.

DINIZ, Lincoln da Silva. Campina Grande: Comércio, cidade e região. In: **Paraíba: pluralidade e representações geográficas**. Campina Grande: EDUFCG, 2015. P. 87-99.

FIEP, Federação das Indústrias do Estado da Paraíba. **Cadastro Industrial do Estado da Paraíba**. 1963.

GEORGE, Pierre. **Geografia Industrial do Mundo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

IBGE, População, 2010. Disponível em:< <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/pb/campina-grande/panorama> >. Acesso em: 22 de junho de 2017.

LIMA, Damião de. **O Processo De Industrialização Via Incentivos Fiscais: Expansão E Crise Em Campina Grande**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Economia. UFPB/Campus II, Campina Grande – PB, 1996.

LOCATEL, Celso Donizete; AZEVEDO, Francisco Fransualdo de. Espaço, Tecnologia e Globalização. 2ªed. – Natal: EDUFRN, 2011. Disponível em: <[http://sedis.ufrrn.br/bibliotecadigital/site/pdf/geografia/Esp\\_Tec\\_Livro\\_WEB.pdf](http://sedis.ufrrn.br/bibliotecadigital/site/pdf/geografia/Esp_Tec_Livro_WEB.pdf)> Acesso em 17 de Maio de 2017.

OLIVEIRA, Júlio César Mélo. **Campina Grande: A Cidade se Consolida no Século XX.** 2007, 41f. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – Campus I. Disponível em: <[http://www.geociencias.ufpb.br/~paulorosa/gema/images/stories/monografias/2007/mono\\_julio](http://www.geociencias.ufpb.br/~paulorosa/gema/images/stories/monografias/2007/mono_julio)> Acesso em 21 de Junho de 2017.

REVISTA FISCO. **Campina Grande tem uma empresa modelo: Silvana.** *Fisco*, [online] v.10(72), p.33-37. Ago. 1979. Disponível em: <<http://novarevistafisco.com.br/revista/revistadofiscoedi%C3%A7%C3%A3o-72>> Acesso em 05 Jul. 2017.

SÁ, Maria Braga de; ARAÚJO, Martha Lúcia Ribeiro. Origens e Evolução do Comércio de Campina Grande. **Jornal da Paraíba.** Campina Grande, 11 out. 1988.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado.** São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. **Pensando o Espaço do Homem.** 4º ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional.** 4ªed. São Paulo: Hucitec, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção.** 4ªed. 4ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2002.

\_\_\_\_\_. **Da Totalidade ao Lugar.** São Paulo: Edusp, 2005.

SILVA, Geraldo Francisco da Júnior. Campina Grande: Desenvolvimento Histórico no Século XX. In: (org.) OLIVEIRA, Roberto Vêras de. **Campina Grande em debate. Condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas.** Campina Grande: EDUEP; EDUFCEG, 2009, p. 11-34.

VASCONCELOS, Vinícius Neves. O Meio Técnico-Científico-Informacional e as Transformações no Território de Quissamã. In: **XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, São Paulo, 2009, p. 1-20.**